

# Ritual - Uma Interpretação da Psicologia Simbólica Junguiana

**POR CARLOS AMADEU BOTELHO BYINGTON<sup>1</sup>**

Vi um filme, *Um Homem Chamado Cavalo* (1970), do diretor norte-americano Elliot Silverstein (1927), que se passa na tribo indígena Sioux, no noroeste dos Estados Unidos, no qual, uma cerimônia funerária tem como parte do seu ritual, a escarificação do peito dos participantes com espinhas de peixe. Junto com as rezas, cantos e danças, a escarificação produz dor e uma grande mobilização emocional, acompanhada de lamentos, lágrimas e secreção nasal. Tudo isso é um ritual de luto que expressa a dor pela perda do morto. O ritual dessa cerimônia de luto faz parte dessa tribo – Sioux – desde sempre. Eles não sabem quando ele começou. Só sabem que ele “sempre” existiu.

Estive, no mês passado, no enterro de uma pessoa muito querida, que faleceu de câncer depois de um ano de sofrimento. Durante o velório, as pessoas íntimas choravam abraçadas à volta do caixão e outros familiares e amigos iam chegando, se cumprimentando e formando rodas de conversas sociais na saída da sala e no corredor. No momento do enterro, veio um padre e fez algumas rezas, que mal se ouviam

e que terminaram com o sinal da cruz de todos os presentes. O caixão foi fechado e carregado até um carro por alguns familiares e de lá até o túmulo, seguido por um cortejo dos participantes, que iam conversando socialmente. Findo o enterro, muitos cumprimentaram a família do morto e todos, depois, foram embora.

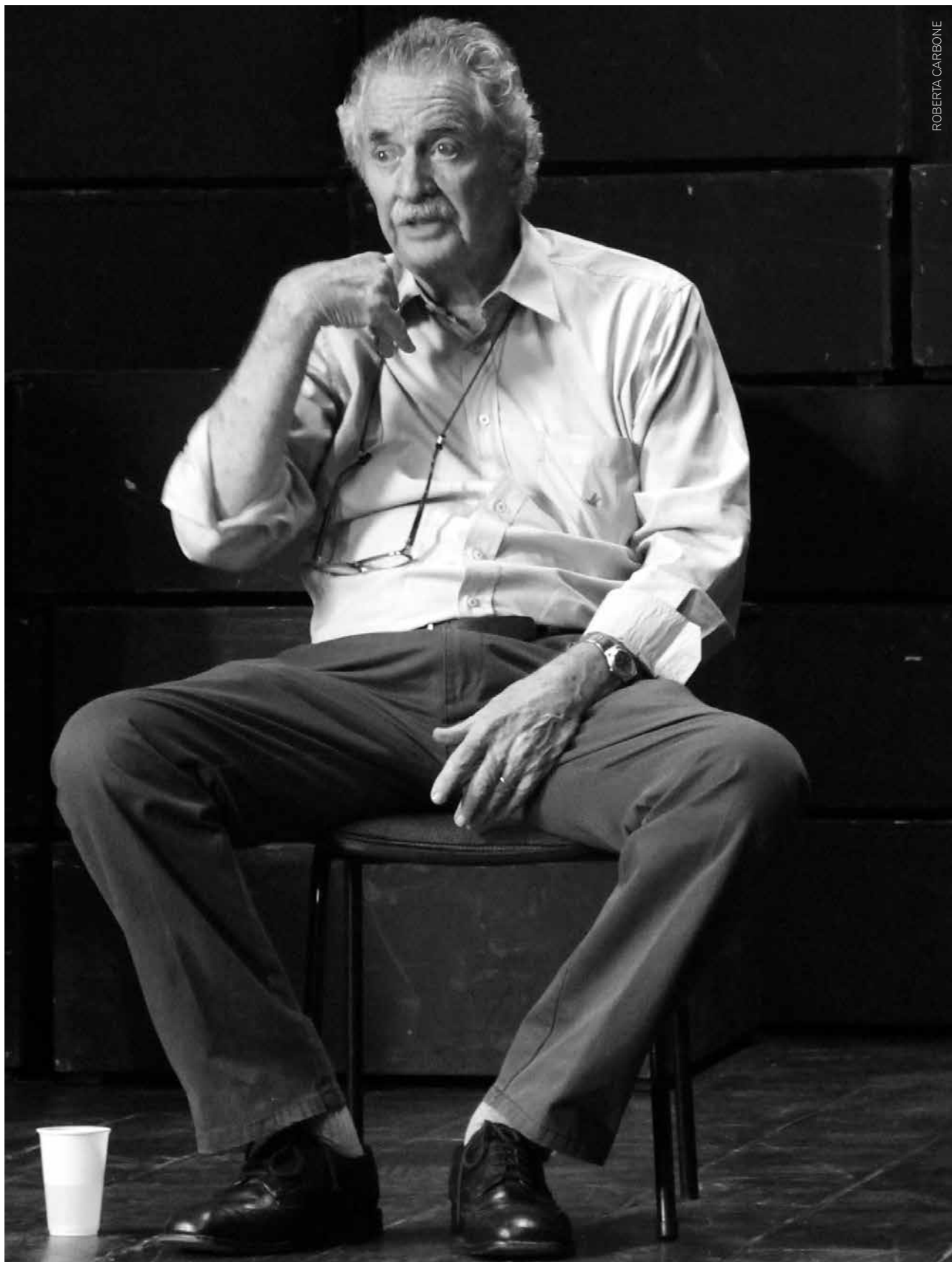
Na missa de 7º dia, as mesmas pessoas e talvez um pouco mais, foram à igreja e participaram da missa católica. Ao final, o padre falou algumas palavras sobre o falecido e uma filha e um neto expressaram o seu carinho. A seguir, fez-se uma longa fila para se cumprimentar a família.

As duas cerimônias são rituais para a vivência social de uma cerimônia fúnebre. No enterro dos índios Sioux, a escarificação com as espinhas de peixe produziam muitas emoções de sofrimento, que faltaram na cerimônia católica. No entanto, ambas foram muito prestigiadas pela comunidade, que compareceu para se congregar com a família enlutada.

Se pensarmos nas cerimônias de batismo, de celebração da adolescência, de casamento e de formatura, entre outras, encontraremos um denominador comum de conagração social para celebrar um evento importante na vida das pessoas. Como esses eventos se encontram em todas as culturas, dizem que eles são arquetípicos.

---

1. Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Criador da Psicologia Simbólica Junguiana. Educador e Historiador. E-mail: c.byington@uol.com.br. Site: www.carlosbyington.com.br



*Carlos Byington em palestra no Teatro Escola Macunaíma.*

Os arquétipos são padrões, comuns à nossa espécie, que expressam o funcionamento da mente individual e coletiva por intermédio de imagens, ideias, representações sensoriais e comportamentos. Eles necessitam de estímulos para serem vivenciados. Assim, os rituais são um conjunto de costumes que ativam os arquétipos para desempenharem, no ritual individual ou coletivo, as funções de coordenadores do funcionamento psíquico.

O antropólogo alemão Arnold van Gennep (1873-1957) publicou, em 1909, um livro assinando as principais transformações sociais para as quais destacou rituais característicos de iniciação e de passagem.

Formado inicialmente em Medicina, especializei-me em Psiquiatria e Psicanálise e, posteriormente fiz formação de analista junguiano. Voltando ao Brasil, colaborei para fundar a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica e formar analistas junguianos. Minha experiência teórica e clínica me mostraram, com o tempo, que a separação entre Jung e Freud e as demais escolas de psicologia foi mais emocional que teórica, pois todas elas abordam a formação da consciência e do Ego por intermédio de símbolos e de arquétipos, mesmo quando não nomeados. Desta maneira, descrevi e publiquei, em livros e artigos, uma Psicologia Simbólica Junguiana que busca descrever a formação da consciência e do Ego do início ao fim da vida, por intermédio de símbolos e arquétipos. Deno-

minei-a junguiana, porque foi este o sentido da obra de Jung descrita por ele no processo de individuação. Segundo a obra do junguiano Erich Neumann, passei a descrever o desenvolvimento do Self Cultural (Neumann) junto com o Self Individual (Jung).

Assim sendo, incluí os rituais de passagem de van Gennep dentro do processo simbólico de desenvolvimento da consciência em situações existenciais típicas, em função de **arquétipos regentes** que se relacionam coerentemente de maneira sintônica ou conflitiva durante a vida individual e social. Nessa perspectiva, podemos ver os rituais de iniciação de van Gennep como padrões arquetípicos, desencadeados por situações sociais típicas, que delineiam a teoria arquetípica da história. (BYINGTON, 2008, cap. XIII)

Essa perspectiva sistólica forma um humanismo simbólico que descreve a formação da consciência por símbolos e funções coordenadas pelo Arquétipo Central, o que torna a psique uma grande fábrica de significados polarizados pelos cem bilhões de neurônios que formam nosso cérebro. Esse processo de elaboração simbólica só funciona, porém, se os operários ativarem os símbolos por vivências. Ao assim fazerem, os operários se tornam educadores, ou seja, professores. Os primeiros são os pais, seguidos pelos professores e continuados pelas escolas de aprendizado da vida, dentro das quais estão as escolas profissionais.

A relação entre os operários da fábrica psíquica e os símbolos é secundariamente cognitiva, mas, primariamente, emocional. Freud e Jung a chamaram **transferência** (consciente e inconsciente). Freud enfatizou a transferência emocional patológica, na qual o parente projeta os conteúdos patológicos de sua Sombra (Jung), como complexos, no seu “professor-terapeuta”. Jung enfatizou a transferência emocional normal projetada no “professor-educador”.

Os operários da fábrica de elaborar símbolos são sempre também “sacerdotes” trabalhando a favor do Bem e do Mal (Sombra). O Bem é o resultado de uma boa elaboração dos símbolos. O Mal se forma quando ocorre um defeito na produção e os produtos são lançados com defeito na vida individual e social. Todo e qualquer defeito gera uma deformação do produto, descrita por Freud como **fixação**. Os produtos defeituosos da fábrica psicológica formam defesas (Freud), que produzirão sintomas na Psiquiatria, crime no Direito, pecado na Religião, miséria na socioeconomia e destruição e poluição na Ecologia.

Por isso, é inerente à função simbólica elaboradora de cada operário **identificar os símbolos defeituosos (fixados)** e não liberá-los no mercado, pois, quando isso acontece, esses símbolos trarão sofrimento para os consumidores e necessitarão, cedo ou tarde, serem recolhidos e tratados. Sua fixação representa a existência de um defeito que representa o Mal na

psique individual e social.

Para formar e desenvolver a consciência, a elaboração dos símbolos começa desde o início da vida, com os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal, regentes das relações primárias com os arquétipos parentais. Depois da infância, a adolescência separa o Self individual do Self parental e prepara a estruturação da vida adulta, que por sua vez, se separa do coletivo para construir a identidade única da pessoa no processo de individuação. Essa identidade única construída na maternidade é a base para o desapego do corpo e da vida social, para estruturar a consciência da eternidade e do infinito que prepara a transcendência do corpo físico.

Desta maneira, podemos ver que os ritos de passagem, descritos por van Gennep na dimensão coletiva, correspondem à coordenação da consciência pelos arquétipos. Essa perspectiva expressa a essência arquetípica do ritual com a organização social da consciência individual e coletiva em função da elaboração simbólica dos símbolos fundamentais do Ser.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Psicologia Simbólica Junguiana. A Viagem de Humanização do Cosmos em Busca da Iluminação**. São Paulo: Linear B, 2008.
- VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.